



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE CASTANHAL  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS ANTRÓPICOS NA AMAZÔNIA  
GRUPO DE ESTUDOS COLINS  
COLETIVO ECO-CULTURAL ESPIAR & CURIAR

**RELATÓRIO E PROTOCOLO DE PESQUISA DE CAMPO**

1 – DADOS DA PESQUISA DE CAMPO	
1.1 - DATA BASE DO RELATÓRIO: 10 DE JANEIRO DE 2024	
1.2 - EVENTO: PESQUISA DE CAMPO – EXPLORAÇÃO DO CURSO DO RIO APÉU ATÉ BOA VISTA	
1.3 INSTITUIÇÃO	UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ/CAMPUS CASTANHAL
1.4 COORDENADOR DA EQUIPE	PROF. DR. JOSÉ GUILHERME FERNANDES / PROFESSOR TITULAR; PESQUISADOR BOLSISTA DO CNPQ; COORDENADOR PPGEAA
1.5 EQUIPE DE CAMPO	ATUAÇÃO
KEYLA FABIANA PAIVA TORRES	MESTRANDA/LIC. HISTÓRIA
DENILSON BATISTA RODRIGUES FERREIRA	MESTRANDO/LIC. PEDAGOGIA
CARMEM DO SOCORRO DA S. QUADROS	MESTRANDA/LIC. CIÊNCIAS SOCIAIS
STELLYRIO NEVES	MESTRANDO/LIC. BIOLOGIA
2 - INFORMAÇÕES DE BOLSAS/FINACIAMENTO (SE HOVER):	
(X) CAPES/DEMANDA SOCIAL/	KEYLA FABIANA PAIVA TORRES
(X) CNPQ / PRÓ-HUMANIDADES	STELLYRIO NEVES

3 – AGENDA PARA PLANO DE AÇÃO	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SAB
PESQUISA DE CAMPO - AÇÕES DA SEMANA DO MÊS DE JANEIRO DE 2024	8	9	10	11	12	13
ORGANIZAÇÃO DO PROTOCOLO DO CAMPO E RELATÓRIO	X					
CHEK LIST E REVISÃO DE EQUIPAMENTOS E EMBARCAÇÃO	X	X				
ARTICULAÇÃO COM GUIA DO PERCURSO APEÚ – BOA VISTA	X	X				
MOBILIZAÇÃO PARA TRANSPORTE DOS BARCOS CAIAQUES	X	X	X	X	X	
ARTICULAÇÃO COM CORPO DE BOMBEIROS MILITAR PARA EMBARCAÇÃO BOTE, PILOTO E GUARDA VIDAS	X	X				
DIA DE ENTRADA NA TRILHA			X			
ORGANIZAÇÃO DA COLETA E REGISTROS – PROFUNDIDADE DO RIO, GEO REFRENCIAMENTO, REGISTRO E GRAVAÇÃO DO PERCURSO DE TRILHA, REGISTRO DE IMAGENS		X	X	X	X	

APROVEITAMENTO DA COLETA PARA PRODUÇÃO DE DOCUMENTOS, MAPAS E TEXTOS ACADÊMICOS				X	X	
SOLUÇÕES DE PENDÊNCIAS OU COMPLEMENTOS DA PESQUISA				X		
REVISITAR LITERATURA DA PESQUISA					X	
ESCRITA DO RELATÓRIO DE CAMPO					X	
ENTREGA DO RELATÓRIO DE CAMPO						X
AVALIAÇÃO DA SEMANA						X

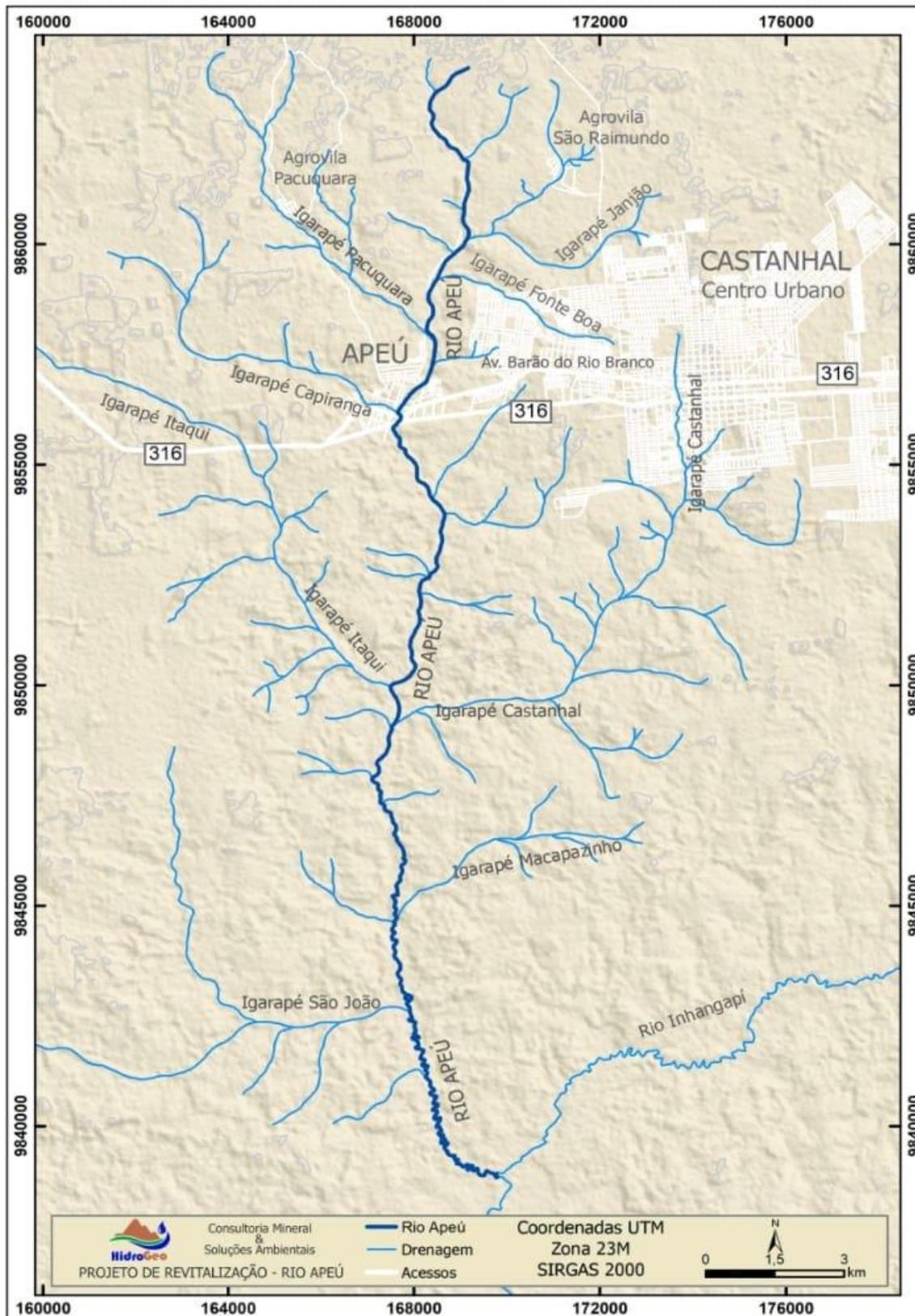
4 – ORIENTAÇÃO DA COLETA DE CAMPO PROPOSTA PELO COORDENADOR DA PESQUISA	
DESCRIÇÃO	RECURSOS
4.1 – DEFINIÇÃO DE EQUIPES PARA EMBARCAÇÃO E EXPLORAÇÃO NA TRILHA	CAIAQUES, BOTE, EPIS(COLETES, PERNEIRAS, BOTAS), FACÕES,
4.2 – AFERIR PROFUNDIDADE DO RIO, GEO REFERENCIAMENTO, REGISTRO E GRAVAÇÃO DO PERCURSO DE TRILHA, REGISTRO DE IMAGENS, IDENTIFICAÇÃO DE BARREIRAS NO LEITO DO RIO	USO DE PRUMO USO DE APLICATIVO DE GRAVAÇÃO DE TRILHAS
4.3 – PRODUÇÃO DE DOCUMENTO PARA CIÊNCIA DA SEMA REFERENTE A PROBLEMAS AMBIENTAIS DETECTADOS	REGISTROS COLETADOS
4.4 – VERIFICAR APROVEITAMENTO DA PESQUISA PARA ATUAÇÃO DAS INSTITUIÇÕES PARCEIRAS (CORPO DE BOMBEIROS, MOVIMENTO SOCIAL DE MEIO AMBIENTE)	CONFECÇÃO DE RELATÓRIO E OFÍCIOS
4.5 – VERIFICAR OU REVISAR BASE DE DADOS PARA COMPARAÇÃO AOS REGISTROS E OBSERVAÇÕES REALIZADAS NO CAMPO.	

5 – IDENTIFICAÇÃO DE ALGUMA NORMA TÉCNICA	
NR N° 06	USO DE EPI
NR N° 16, 17	SEGURANÇA E ERGONOMIA
NR N°	

6 – IDENTIFICAÇÃO TERRITORIAL – MAPA DO COMPLEXO DAS ÁREAS DE PESQUISA

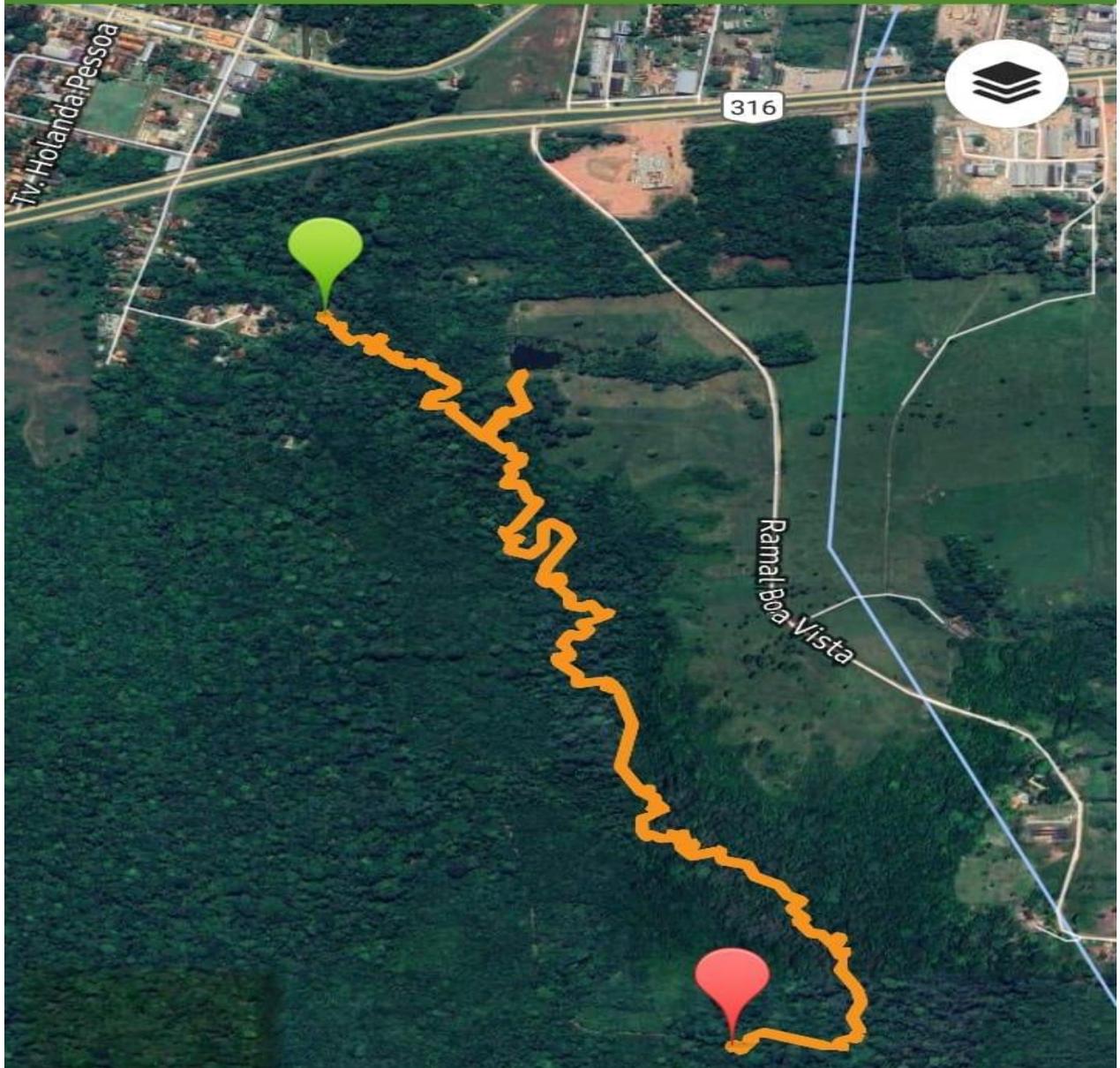
LOCAL AGROVILA RIBEIRINHA BOA VISTA

MAPA 01 – BACIA DO RIO APEÚ





# Apeú para Ramal Boa Vista



107 m



DISTÂNCIA DO PPGEAA PARA O LOCAL DA PESQUISA: 5 KM
TEMPO E HORA PROGRAMADA PARA O TRABALHO DE CAMPO: DAS 09H ÀS 15H
TEMPO HORA DA SAÍDA PPGEAA: 07H
TEMPO HORA DA CHEGADA NO LOCAL DO CAMPO DE PESQUISA: 07H40
TEMPO HORA DE RETORNO AO PPGEAA: 15H
SITUAÇÕES DE DIFICULDADES (?):

<b>7 - LOCALIZAÇÃO – INFORMAÇÃO PÚBLICA DE REDES SOCIAIS :</b>
Agrovila do Apeù
<a href="https://www.facebook.com/viladeapeu/">https://www.facebook.com/viladeapeu/</a>
Agrovila Boa Vista
<a href="https://www.google.com/maps/place/Agrovila+Boa+Vista/@-1.3593886,-47.9859302,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipOle6n32PS0f9J5_zjS0iCsPHKI-sfQ3e6vFs67!2e10!3e12!6shhttps:%2F%2Fih5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipOle6n32PS0f9J5_zjS0iCsPHKI-sfQ3e6vFs67%3Dw114-h86-k-no!7i4000!8i3000!4m1!1!1m2!2m1!1smapa+satellite+Boa+VistaBoa+Vista+em+Castanhall!3m7!1s0x92a5a9f4fde5bb37:0x3cd3e2ec1ca0bde!8m2!3d-1.359387!4d-47.9859221!10e5!15sCi5tYXBhIHNdGVsaXRIIEJvYYSBWaXN0YSBCb2EgVmlzdGEgZW0gQ2FzdGFuaGFslgloAZI!1BEnRvdXJpc3RfYXR0cmFjdGlvdvABA!16s%2Fg%2F11smrv8k0q?hl=pt-PT&amp;entry=ttu">https://www.google.com/maps/place/Agrovila+Boa+Vista/@-1.3593886,-47.9859302,3a,75y,90t/data=!3m8!1e2!3m6!1sAF1QipOle6n32PS0f9J5_zjS0iCsPHKI-sfQ3e6vFs67!2e10!3e12!6shhttps:%2F%2Fih5.googleusercontent.com%2Fp%2FAF1QipOle6n32PS0f9J5_zjS0iCsPHKI-sfQ3e6vFs67%3Dw114-h86-k-no!7i4000!8i3000!4m1!1!1m2!2m1!1smapa+satellite+Boa+VistaBoa+Vista+em+Castanhall!3m7!1s0x92a5a9f4fde5bb37:0x3cd3e2ec1ca0bde!8m2!3d-1.359387!4d-47.9859221!10e5!15sCi5tYXBhIHNdGVsaXRIIEJvYYSBWaXN0YSBCb2EgVmlzdGEgZW0gQ2FzdGFuaGFslgloAZI!1BEnRvdXJpc3RfYXR0cmFjdGlvdvABA!16s%2Fg%2F11smrv8k0q?hl=pt-PT&amp;entry=ttu</a>

8 – INFRA ESTRUTURA / LOGÍSTICA E RECURSOS PARA PESQUISA DE CAMPO				
ITENS	RECURSO	DESCRIÇÃO	QUANTIDADE	CUSTOS
01	TRANSPORTE	VEÍCULO – CARRO	01	COMBUSTÍVEL
02	APARELHOS TECNOLÓGICOS DIGITAIS	GPS	01	NÃO
		MAQUIA FOTOGRÁFICA	01	NÃO
		CELULARES	04	NÃO
		NOTEBOOKS	00	NÃO
		TABLET	00	NÃO
		GRAVADOR DIGITAL	01	NÃO
		DRONES	00	NÃO
03	E.P.Is	BOTAS	03	NÃO
		LUVAS	00	NÃO
		PERNEIRAS	03	NÃO
		COLETES	05	NÃO
04	ACESSÓRIOS DE APOIO	TRIPÉ PARA CÂMERA	01	NÃO
		PRANCHETAS PARA FOLHAS DE PAPEL	00	
		PASTAS	00	
		GARRAFAS DE ÁGUA	10	
		CADERNETAS	01	
		SACOS PARA COLETA	10	
		RECIPIENTES PARA COLETAS	00	
05	COMBUSTÍVEL			
06	ALIMENTAÇÃO			
07	OUTROS			

9 – APLICATIVOS TECNOLÓGICOS UTILIZADOS				
ITEM	NOME DO APLICATIVO	FUNÇÃO	IMAGEM	LINK
01	Timestamp Camera	Câmera com carimbo de data/hora		
02	Wikiloc Navegação Outdoor GPS	GPS para uso em trilhas – grava trilhas em Mapas, arquiva trilhas percorridas		
03	BUSSOLA DIGITAL: DIREÇÕES TOOLS GENERATION HUB (PARA ANDROIDES)	Aplicativo de bússola inteligente digital e localizador de Qibla de precisão de direção para Android		
04	APARELHO DE GPS	MARCAR PONTOS DE INDICAÇÃO DA ROTA E ESPAÇOS DE RELEVANTE INTERESSE PARA A EXCURSÃO		



EQUIPE DE PESQUISADORES/AS DO PPGEAA E AMBIENTALISTA ALEX BRASIL



EQUIPE QUE SE DESLOCOU VIA FLUVIAL EM CAIAQUES



EQUIPE QUE REALIZOU DESLOCAMENTO TERRESTRE, AO LARGO DO RIO APEÚ



OBSTÁCULOS FREQUENTES NO TRAJETO DO RIO APEÚ, QUE INVIABILIZAM A NAVEGABILIDADE



EQUIPE TERRESTRE EM LEVANTAMENTO DE ÁREA DE TERRA FIRME



EQUIPE TERRESTRE EM LEVANTAMENTO DE ÁREA DE VÁRZEA

## 11 – NARRATIVA E DESCRIÇÃO DA EXPEDIÇÃO

O relatório a seguir descreve os preparativos e as atividades realizadas em torno da “Conhecendo o Rio Apeú”, que ocorreu no dia 10 de janeiro de 2024. A atividade foi possível a partir da parceria entre o Corpo de Bombeiros, o GEA (Grupo Ecológico do Apeú) e o PPGEAA-UFPA., este através do Grupo de Pesquisas COLINS e o Coletivo Eco-Cultural Espiar e Curiar. O objetivo da atividade, em consonância aos objetivos institucionais do Programa, foi realizar um primeiro contato com o Rio Apeú, percebendo sua trafegabilidade, a fauna e flora no entorno, relevo, moradias antigas e comunidades ali instaladas, realizando registros de imagens, GPS e descrição, num exercício de conhecer o principal Rio que atravessa o município de Castanhal. A princípio o ponto de partida se daria no sentido Macapazinho - Agrovila do Apeú, subindo o rio. Como boa parte da equipe já havia percorrido o trecho e conhecia os obstáculos, houve mudança no trajeto, com início na Ponte de Ferro, a área urbana da Agrovila, descendo o rio, em direção a Comunidade de Boa Vista.

As atividades ocorreram sob a responsabilidade do Programa de Pós-graduação em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA), da Universidade do Federal do Pará (UFPA), na figura do Coordenador do Programa, o Prof. Dr. José Guilherme Fernandes, e contou com a participação dos discentes Carmem Quadros, Denilson Batista, Keyla Paiva e Stellyrio Neves. A atividade teve como guia na mata o ambientalista Alex Brasil, membro do GEA (Grupo Ecológico do Apeú) e teve a parceria do Corpo de Bombeiros do Pará, 2º G.B.M. No intuito de percorrer o rio para mensurar sua profundidade e realizar observações sobre sua trafegabilidade, a articulação junto ao Corpo de Bombeiros Militar foi importante para garantir o suporte de bote, coletes salva-vidas e amparo de primeiros socorros na mata. Para tanto, os pesquisadores estabeleceram primeiro contato com o Comandante Ten. Cel. Nishida, apresentando os objetivos e as demandas levantadas, oficializando as solicitações, via ofício, sendo a solicitação atendida pela instituição. Contamos, ainda, com outros parceiros, que cederam dois caiaques com remos. Assim, a equipe de pesquisa teve à sua disposição o bote, cinco coletes salva-vidas, materiais de primeiros socorros, bem como apoio humano, além de dois caiaques. Para além do suporte operacional, a equipe de discentes mobilizou a Sra. Flávia Sarmiento, liderança na agrovila e que apresentou o Sr. Alex Brasil, biólogo, ativista e ambientalista.

No dia 10 de janeiro de 2024, às 7 horas, a equipe encontrou-se na sede do PPGEAA, e se dirigiu à Agrovila do Apeú, onde os membros do Corpo de Bombeiros e o guia e ambientalista estavam a espera. Numa breve reunião com os bombeiros, chegou-se à conclusão de que o percurso via bote era inviável veio, devido à grande quantidade de troncos de árvores caídas atravessando o rio, e ainda devido a pouca profundidade do rio o calado do bote era insuficiente. Cogitou-se a possibilidade de iniciar-se a rota fluvial a partir do trecho em que o rio atravessa a BR 316. No entanto, devido ao assoreamento e aos obstáculos de árvores e grande quantidade de lixo urbano não houve sucesso, além do fato de não haver a possibilidade de áreas de aportamento natural para as embarcações. Em consonância com as orientações do guia, seguimos rumo ao ramal que parte da BR-316 em direção ao interior da vila, e descemos próximo a uma das moradias ao largo do rio, próximo à residência de dona Maria Bahia, que nos sinalizou que o rio precisaria de uma limpeza. Quando estávamos descendo pelo ramal, encontramos a equipe do Bombeiro, retornando, já informando a impossibilidade de iniciar o percurso ali, pois a vistoria feita apontou que a profundidade do rio apresentava pouco calado para o bote, necessitando de profundidade para percorrer o rio. Agradecemos os profissionais do Corpo de Bombeiros, que retornaram para o Quartel, deixando cinco coletes salva-vidas com os membros da equipe do PPGEAA/UFPA.

Diante da nova situação que se apresentava, a equipe de pesquisadores optou por percorrer o trecho por duas vias: José Guilherme Fernandes e Stellyrio Neves navegariam nos caiaques, enquanto Carmem, Denilson e Keyla, acompanhados por Alex, seguiriam por terra, margeando o rio. No início do percurso a equipe se deparou com o que se repetiria ao longo dos 4,5 km percorridos: grandes troncos de árvores caídas sobre o rio impedindo a passagem de qualquer embarcação. Ao longo dos 4,5 Km percorridos pelas águas, mais de 25 troncos de árvore foram identificados, o que obrigava a todo momento, em espaços de 5 a 30 metros, a equipe de terra parar para auxiliar a passagem dos caiaques pelos troncos. Por terra, inicialmente, percebeu-se que há diversos caminhos em uso, o que foi confirmado por Alex, pois vários caçadores e pescadores percorrem a mata em suas atividades de caça e pesca, bem como aventureiros para acampar. Encontramos um marco territorial, de aproximadamente 4cm<sup>2</sup>, de formato quadrado, feito em concreto e com uma placa circular em metal afixada, possivelmente de indicação de propriedade particular. Indagamos a simbologia encontrada nesse marco, mas o trilheiro não soube informar a propriedade. Uma constatação: na parte inicial, a margem era mais alta em relação ao leito do rio, mas paulatinamente a margem tornou-se área de várzea, com áreas mais baixas e alagadas, com expansão das águas bem distante do curso do rio, sinal de que há transbordamento para as margens, expandindo-se uma largura maior: esta topografia é mais nítida na margem direita, sendo a margem esquerda levemente mais alta e de barranco.

A vegetação era rasteira, em alguns pontos, com plantas ornamentais, ora alta e fechada. Havia árvores nativas, em menor quantidade, como castanheiras e corticeiras. A margem esquerda do rio, onde há terreno mais elevado em relação ao nível do rio, há sinais de habitação, e guia Alex informou que havia vestígios de uma antiga moradia. Tratava-se da casa

do Seu Batista, que vendeu suas terras com a construção da BR após o fim e retirada da Estrada de Ferro Belém-Bragança, e foi embora do lugar. A casa, feita em alvenaria, está sem portas, janelas e cobertura, restando apenas as paredes, algumas com rachaduras, e está tomada pela mata. É possível perceber que a casa possui um cobogó em uma das paredes. Ao redor da casa, há, pelo chão de rochas lateríticas, vestígios de madeiras recém cortadas com motosserra. Seguindo pelos fundos da propriedade, numa área em declive, há um grande açude abandonado, rodeado de vegetação de pasto e vestígios de esterco e pegadas de gado, o que demonstra que a área é visitada por animais das fazendas do entorno. É importante ressaltar que as áreas hoje ocupadas por comunidades rurais e quilombolas estão na margem esquerda do rio, nessas áreas elevadas.

Há uma grande quantidade de lixo na área alagada na margem direita do rio: garrafas de vidro e plástico, redes e equipamentos de pesca danificados, latas de alimentos industrializados, cosméticos, isopor, evidenciando que quando as águas do rio sobem, deposita na área alagada não apenas sedimentos, mas também o lixo urbano que fica preso entre as raízes das árvores. Não encontramos animais ao longo da caminhada pelo rio, apenas os vestígios como fezes e pegadas, o que deixava a equipe estava apreensiva com a possibilidade de um encontro inoportuno, com jacarés, por exemplo, pois Alex relatou haver menções na Vila desse episódio. Enquanto a equipe no caiaque estava exausta por ter que carregar as embarcações por cima dos troncos de árvore, a equipe que percorria o rio também beirava a exaustão. A pretensão era alcançar a comunidade Boa Vista, mas diante das dificuldades no trajeto, Alex aconselhou encerrar a atividade, retirando os caiaques da água, e buscando saída em direção ao Ramal do Cacoal, onde o veículo da UFPA foi recolher a equipe.

Percorremos cerca de 4,5 km com a ajuda de Alex, que orientou e auxiliou a toda a equipe. Foi um percurso relativamente pequeno, porém cheio de descobertas. Não imaginávamos que a viagem seria tão cansativa, ainda que as dificuldades estivessem previstas. Alguns pontos da viagem foram registrados com o auxílio de GPS, duas medições da profundidade do rio foram feitas (atestando pequena profundidade, entre 0,50 e 1,20 metro), com relatos e imagens feitas no início do percurso. No entanto, a apreensão e ansiedade diante dos obstáculos prejudicou o planejamento. Mas no intuito de retomar os registros, dada a necessidade de realizar o reconhecimento do rio, o retorno é necessário. Munidos de técnicas, equipamentos e recursos humanos com responsabilidades específicas de registro, com novo planejamento e a parceria com outras entidades do poder público, além de uma ação em conjunto com outros órgãos para limpeza do Rio, o processo de reconhecimento e mapeamento do Rio Apeú trará importantes informações para a academia e para propor políticas públicas.

## **12. RESULTADOS E OBSERVAÇÕES**

A Expedição foi realizada pelo Grupo de Pesquisas COLINS e o Coletivo Eco-Cultural Espiar e Curiar, ambos vinculados ao PPG em Estudos Antrópicos na Amazônia (PPGEAA/UFPA), no território do rio Apeú, com apoio do CBM do Pará e o guia e ambientalista Alex Brasil, tanto por via fluvial quanto terrestre, com o objetivo de mapear a navegabilidade e a circulação ao largo desse curso d'água. Observou-se que o rio, no percurso percorrido, está bastante assoreado e com dezenas de obstáculos de árvores caídas, impedindo a navegação, mesmo neste período de início de chuvas e águas grandes, o mês de janeiro de 2024. Ao largo do rio há extensas várzeas, com possível alargamento destas em razão do assoreamento que força a ampliação das margens. Isto ocorre também pela abertura de barragens de fazendas existentes na bacia do rio, que abertas avolumam o leito. Estes impedimentos evitaram que nos deslocássemos não mais que 4,5 Km.

Também nosso objetivo foi conhecer melhor as histórias e marcas de antropização e materialidades que pudessem atestar a longa antropização do território, posto que há hipóteses de comunicação entre bacias que deságuam no Guamá, como rio Apeú, e bacias que vão para o Atlântico, como rios Maracanã e Marapanim, tornando os rios do nordeste do Pará grandes vias seculares de trânsito de indígenas, no passado, e uso do território por populações do presente. Neste sentido podemos dizer que, além da longínqua antropização do território, com marcas de materialidades arqueológicas pré-colombianas (na Vila de Boa Vista), há uso frequente dos serviços ecossistêmicas pela população local, seja por finalidade de lazer – banhos de rios e trilhas – ou seja em razão de sobrevivência – pesca, caça e coleta de frutos. Isto porque a diversidade topográfica e ecossistêmicas do rio e entorno, em razão de uma margem de barrancos e outra de várzea, possibilitou e possibilita o assentamento de populações e, também, a sua sobrevivência, em razão da ainda existente riqueza natural: observou-se, ao longo da caminhada terrestre, pegadas de animais e fezes de possíveis animais de médio porte, além do que as várzeas são ricas em reptéis, aves, mamíferos e peixes, onde existe a presença de árvores frutíferas e de algumas de grande porte, como castanheiras. Por isso também observou-se a existência de caminhos no meio da mata, provavelmente para deslocamento das populações locais em suas atividades de extrativismo.

Em conclusão preliminar, acerca do rio e do território em que está localizado, poderíamos observar que é uma região de “encruzo” fluvial desde épocas pré-contato, com ocorrência de materialidades arqueológicas no rio Apeú. Os povos originários deveriam conhecer bem esses caminhos e movências interfluviais, assim como sabiam navegar pela costa de rias do litoral paraense, navegando em pequenas embarcações (ubás, canoas e igarités) e driblando as baías e croas, para depois adentrarem as bacias de rios que desaguam no Atlântico (rios Marapanim e Maracanã), até suas nascentes, e estabelecer a comunicação, em pequenos caminhos terrestres, até as nascentes das bacias fluviais (rios Apeú, Inhangapi e Caraparu) que desaguam no rio Guamá, este um rio de extrema importância para o deslocamento e assentamento de populações no interior da região Nordeste paraense. As pesquisas de nossos grupos têm apontado nesse sentido, a fim de ressurgir as identificações autóctones e promover as memórias, as práticas e o ethos originários para a sustentabilidade dessa região do nordeste do Pará, quiçá propor a revitalização e ressignificação destas bacias, através da instalação de corredores ecológicos, com a finalidade de lazer, sustentabilidade socioeconômica e preservação ambiental.

Afinal, precisamos nos penitenciar e propor compensações sociohistóricas e ambientais a este que foi o primeiro território amazônida vilipendiado pelo modelo desenvolvimentista das estradas, primeiro a estrada de ferro Belém-Bragança (início do século XX) e depois a rodovia Belém-Brasília (a partir dos anos 1960), quando os rios da região, afetados por estes empreendimentos, secaram em suas águas e em suas memórias. Assim, os rios e seus territórios, perderam a sua grande função social (sociabilidade e sobrevivência) atestada pelos povos originários e pelos ancestrais moradores/as da região, quando estrangeiros, atraídos pela propaganda governamental de povoar uma “terra sem gente”, e desconhecedores da riqueza ecossistêmica e etnohistórica, e sem fazer questão de assim o fazer, estabeleceram-se com suas máquinas e ideologias e destruíram e destroem cotidianamente a riqueza da Amazônia: sua natureza e sua gente!

CASTANHAL (PA), 26 DE JANEIRO DE 2024.



PROF. DR. JOSÉ GUILHERME DOS SANTOS FERNANDES  
COORDENADOR DO PPGEAA (UFPA)  
PROFESSOR TITULAR (UFPA)  
BOLSISTA PRODUTIVIDADE EM PESQUISA (CNPQ)